



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

SHEILA MARIA CANDIDA DOS SANTOS SOUSA

**O PROCESSO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL DAS PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA VISUAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

MOSSORÓ

2017

SHEILA MARIA CANDIDA DOS SANTOS SOUSA

**O PROCESSO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL DAS PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA VISUAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialista em Atendimento Educacional Especializado.

Orientador: Prof^a Ma. Maria de Lourdes Fernandes de Medeiros.

MOSSORÓ

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me acompanhar em cada situação da minha vida.

Agradeço a minha família, pelo apoio em todos os momentos.

Agradeço aos colegas de curso, pelo apoio e compartilhamento de saberes.

Agradeço a minha orientadora, Maria de Lourdes Fernandes de Medeiros, pela compreensão e apoio dado durante a produção desse trabalho.

Agradeço aos componentes da banca examinadora, pelas contribuições ao meu trabalho.

“A importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.”

(Paulo Freire)

O PROCESSO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

RESUMO

Sabemos que, nos dias atuais, a leitura vem se tornando cada vez mais rara, porém, para os videntes, há muitos textos disponíveis e a escola muitas vezes quer trabalhar utilizando as mesmas estratégias com a pessoa com deficiência visual - DV. Pensando nessa questão, este trabalho traz reflexões sobre o processo de leitura e produção textual das pessoas com deficiência visual, destacando os desafios e possibilidades desse processo. Sabemos que há muitas ferramentas tecnológicas disponíveis e que ajudam no processo de leitura e produção textual das pessoas com DV, mas será que essas ferramentas são conhecidas de todos? Será que realmente os professores utilizam essas ferramentas? Durante o desenvolvimento do trabalho em tela buscamos refletir à luz de alguns autores, discutindo sobre a temática e dialogando sobre acessibilidade educacional. Para o desenvolvimento do nosso trabalho nos embasamos em diversos autores como Silva (2003), Kleiman (2011), Guedes e Sousa (2002), Val (2006), Neves (2007), Brandão (1997), Martins (2007), Freire (1994) dentre outros. Buscamos refletir e explorar as diversas possibilidades que a pessoa com deficiência visual tem de desenvolver seu processo de leitura e produção textual no âmbito escolar e fora dele. Nossa pesquisa é qualitativa e para melhor compreensão das nossas discussões realizamos uma entrevista com cinco pessoas com deficiência visual e confrontamos as vozes dos sujeitos, ou seja, dos entrevistados, com a discussão dos autores supracitados que debatem sobre a temática. O embasamento teórico nos ajudou muito e nos deu suporte para efetivar nossa proposta. Dessa forma, o trabalho nos possibilitou refletir, bem como compreender ainda mais as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com DV, e as diversas possibilidades que temos de estimular e permitir a leitura e produção textual desses sujeitos. Assim, constatamos que há diversas possibilidades da pessoa com DV realizar suas leituras e produções textuais e que nós devemos estar atentos a essas possibilidades na sala de aula.

Palavras-chave: LEITURA; PRODUÇÃO TEXTUAL; DEFICIÊNCIA VISUAL.

EL PROCESO DE LECTURA Y PRODUCCIÓN TEXTUAL DE LAS PERSONAS CON DISCAPACIDAD VISUAL: DESAFÍOS Y POSIBILIDADES

RESUMEN

Sabemos que en los días actuales la lectura está cada vez más rara, pero, para los videntes, hay muchos textos disponibles y la escuela muchas veces quiere trabajar de la misma forma con la persona con discapacidad visual - DV. Pensando en esta cuestión este trabajo levanta reflexiones acerca del proceso de lectura y producción textual de las personas con discapacidad visual, destacando los desafíos y posibilidades de ese proceso. Sabemos que hay muchas herramientas tecnológicas disponibles y que ayudan en el proceso de lectura y producción textual de las personas con DV, pero, ¿esas herramientas son conocida de todos? ¿Realmente los profesores utilizan esas herramientas? Durante el desarrollo del trabajo en tela buscamos reflejar a la luz de algunos autores, analizando acerca de la temática y dialogando sobre accesibilidad educacional. Para el desarrollo de nuestro trabajo nos basamos en diversos autores como Silva (2003), Kleiman (2011), Guedes e Sousa (2002), Val (2006), Neves (2007), Brandão (1997), Martins (2007), Freire (1994) dentre outros. Buscamos reflejar y explorar las diversas posibilidades que la persona con discapacidad visual tiene de desarrollar su proceso de lectura y producción textual en el ámbito escolar y fuera de él. Nuestra investigación es cualitativa y para una mejor comprensión de nuestras discusiones realizamos una entrevista con cinco personas con discapacidad visual – DV y confrontamos la voces de los sujetos con las discusiones de los autores supracitados que debaten acerca de la temática. El embasamiento teórico nos fortaleció mucho y nos dio soporte para efectivas nuestra propuesta. Así el trabajo nos permitió reflejar, como también comprender cada vez más las dificultades enfrentadas por las personas con DV, y las diversas posibilidades que tenemos de estimular y permitir la lectura y la producción textual de esos sujetos. Así constatamos que hay diversas posibilidades de la persona con DV realizar sus lecturas y producción textual y que nosotros debemos está atentos a esas posibilidades en la clase.

Palabras-clave: LECTURA; PRODUCCIÓN TEXTUAL; DISCAPICIDAD VISUAL.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a leitura é uma porta de descoberta de um mundo visual que nos permite viajar e conhecer ambientes e universos distintos e diversificados. A leitura é um ato de cidadania, é um direito inerente a qualquer cidadão. De acordo com Silva (2003)

Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (SILVA, 2003, p. 24)

Dessa forma, percebemos que a leitura perpassa o escrito e não fica somente no papel. Nossa pesquisa foca no processo de leitura e produção textual das pessoas com deficiência visual, e visa explorar as diversas possibilidades que eles têm para explorar o mundo da leitura. Entendemos como leitura não somente decifrar frases, parágrafos e textos, mas, sobretudo numa maneira de ver o mundo e adquirir conhecimento. É por meio da leitura que construímos nossas ideias, nosso ponto de vista e, conseqüentemente, formulamos nossa opinião das coisas.

Com base na nossa proposta, pretendemos discutir acerca do processo de leitura e produção textual das pessoas com DV, enfocando principalmente os desafios enfrentados e as possibilidades desse processo. Nossa pesquisa visa desmistificar o pensamento de que a pessoa com deficiência visual não pode ler, que não pode participar ativamente do processo de aprendizagem, colaborando na sala de aula e formulando sua opinião a partir das leituras realizadas.

Para o desenvolvimento da pesquisa em tela faremos um breve estudo bibliográfico dialogando com autores como: Silva (2003), Kleiman (2011), Guedes e Sousa (2002), Val (2006), Neves (2002), Brandão (1997), Martins (2007), Freire (1994) dentre outros e, posteriormente, discutindo e mostrando as diversas possibilidades de leitura e produção textual, bem como os desafios enfrentados pelas pessoas com DV nesse processo. Realizaremos também, uma entrevista com pessoas com deficiência visual, ouvindo as vozes dos mesmos. Ou seja, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa confrontando as vozes dos sujeitos envolvidos com o olhar dos autores que embasaram nosso trabalho.

Compreendemos que a linguagem permeia a relação humana e estreita laços, dessa forma o professor precisa estar atento e levar ao seu aluno as diversas possibilidades no processo de leitura.

O processo de leitura e produção textual é de suma importância para o desenvolvimento do aluno e esse desenvolvimento não se restringe somente a escola, mas, sobretudo para a vida. Dessa forma, o que se preconiza é discutir, abordar as diversas possibilidades de leitura que permeiam o mundo da pessoa com deficiência visual de forma a respeitar seus limites e potencializar seus conhecimentos no processo de aprendizagem.

2 LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: Um passeio bibliográfico

A leitura está inerente a qualquer área do conhecimento humano e por isso, funciona como base para o aprendizado. Dizer que ensinar a ler é tarefa apenas do professor de língua portuguesa é negar a gama de possibilidades que outras disciplinas têm para oferecer. Não podemos limitar a prática da leitura a uma determinada área, tendo em vista que esta deve ser uma atividade relacionada a qualquer seguimento de aprendizagem, então, se não devemos estabelecer limites quando o assunto é ensinar a ler, quem se responsabilizará por essa tarefa? Sobre esse assunto, Guedes e Souza tecem o seguinte comentário:

Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas, uma vez que são indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola. Ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimento. (GUEDES e SOUZA, 2011, p. 17).

Sabemos que a responsabilidade em desenvolver habilidades em leitura recai com uma sobrecarga maior sobre o professor da língua portuguesa, no entanto quem leciona outras disciplinas não está isento de sua participação, o que é necessário é que cada profissional participe do processo de modo a possibilitar a inserção do aluno em um universo leitor, universo esse não apenas de decodificação, mas principalmente de compreensão.

Como a capacidade de compressão não vem automaticamente, nem plenamente desenvolvida, precisa ser exercitada e ampliada em diversas atividades. [...] O professor contribui para o desenvolvimento dessa capacidade dos alunos quando: a) lê em voz alta e comenta ou discute com eles o conteúdo e usos dos textos lidos; b) proporciona a eles familiaridade com gêneros textuais diversos [...], lendo para eles em voz alta ou pedindo-

lhes leitura autônoma; c) abordar características gerais desses gêneros [...]; d) instigar os alunos a prestarem atenção e explicarem os ‘não ditos’ do texto, a descobrirem e explicarem os porquês, a explicitarem as relações entre o texto e o título. (VAL, 2006, P. 21)

Cientes de que ensinar a ler não compete apenas ao professor de língua portuguesa, é importante termos em mente que, independente da área, o professor só estará habilitado a ensinar a ler se ele mesmo for um leitor assíduo, afinal como ensinarmos algo que não estamos familiarizados? De acordo com Neves (2007, p. 14) “Professores leitores (...) são a chave de qualquer possibilidade de mudança nas práticas tradicionais e repetitivas de leitura”. Nesse sentido, é necessário que o professor sirva de base para o aluno, se ele enquanto educador consegue demonstrar afinidade pela prática da leitura, e ainda demonstra domínio daquilo que ensina, aquele que estará recebendo seus ensinamentos, no caso o aluno, certamente tentará segui-lo.

No tocante à leitura como tarefa inerente a todas as áreas, surge outro aspecto também merecedor de muitas atenções, a leitura para pessoas com deficiência visual, que em virtude de sua necessidade exige formas diferentes para o desenvolvimento da leitura, seja ela textual ou não. A leitura, nas suas mais variadas formas, trará varias oportunidades para o deficiente visual, entre elas podemos ressaltar a aquisição do conhecimento, a ampliação dos horizontes, e ainda outra forma de perceber o mundo, e conforme Lopes e Dulac (2002, p. 45) “ler o mundo pode significar apropriar-se de diversas formas de pensar que ecoam neste planeta e das diversas formas de explicar os fenômenos que ocorrem em nosso cotidiano”.

Partilhando da ideia da educação inclusiva, na qual se defende a inclusão dos alunos em classes regulares, temos que criar alternativas, bem como explorar recursos já existente para efetivar o processo participativo dos alunos com deficiência visual/cegueira nas atividades de sala de aula. Martins nos diz que:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar as condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou proporcionar acesso aos livros. Trata-se, antes de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá [...] a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias. (MARTINS, 2007, p. 34)

A deficiência visual é o comprometimento parcial ou total da visão. Segundo critérios estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a deficiência visual pode ser classificada em: cegueira e baixa visão. A cegueira se caracteriza quando não existe qualquer percepção de luz. Nesse caso, o sistema Braille, a bengala e os treinamentos de orientação e de mobilidade, nesse caso, são fundamentais. A baixa visão, que pode ser leve, moderada ou profunda, pode ser compensada com o uso de lentes de aumento, lupas, telescópios, com o auxílio de bengalas e de treinamentos de orientação.

As pessoas com deficiência visual querem ter acesso às mesmas informações que os videntes,¹ porém a perda do sentido da visão restringe esse acesso. Por isso é preciso adequação de alguns materiais. No caso da leitura há muitas alternativas que podem ser feitas, as quais detalharemos mais a frente.

Se observarmos a leitura de uma imagem para pessoa com deficiência visual abordaremos a questão do audiodescritor. Este irá fazer apenas a descrição da imagem cabendo à pessoa com deficiência visual/cegueira interpretar, compreender, analisar, etc., pois, ele é o agente principal desse processo. Esse é só um pequeno exemplo do trabalho que pode ser desenvolvido em sala de aula de forma que todos participem das mesmas atividades e com as mesmas oportunidades.

O sistema Braille é outra opção de leitura e escrita da pessoa com DV. O Braille é um sistema de leitura em alto-relevo e foi inventado na França por Louis Braille, um jovem cego. O referido sistema é utilizado até hoje para alfabetizar crianças cegas e é muito importante na vida para a aprendizagem da pessoa cega.

Fazendo uso dessas ferramentas que proporcionem à inclusão, o educador abre portas para leitura em diversas áreas. No caso da leitura tátil, esta pode ser muito bem aplicada na disciplina de geografia, fazendo com que os alunos com deficiência visual/cegueira participem efetivamente das atividades de sala de aula. Sabemos que esse tipo de leitura não é uma tarefa simples, pois exigirá muita atenção e sensibilidade, outros sentidos serão mais utilizados em busca de uma construção de sentidos, no entanto, “oportunizar/possibilitar leitura e escrita pela geografia (...) pode ser prazeroso e colaborar na formação de pessoas mais atentas para entender o mundo e participar na transformação do mesmo”. (REICHWALD, 2002, p. 69).

¹Que ou pessoa que vê, em contraposição a pessoa cega In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://www.priberam.pt/dlpo/vidente> [consultado em 13-07-2017].

Temos também a leitura desenvolvida pelo Ledor, pessoa que faz leitura para a pessoa cega. Portanto há muitas alternativas, basta o professor fazer bom uso delas e desenvolver seu trabalho de forma a proporcionar participação efetiva das pessoas com DV e o que é ainda melhor, proporcionar o aprendizado.

A leitura é um processo de apreensão/compreensão de algum tipo de informação armazenada num suporte e transmitida mediante determinados códigos, como a linguagem. O código pode ser visual, auditivo e inclusive tátil, como o sistema Braille. Convém destacar que nem todos os tipos de leitura se apóiam na linguagem, é o caso, por exemplo, dos pictogramas ou ainda das partituras de música.² Para Infante Infante (2000, p.57) a leitura “é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade”. Assim percebemos que o processo de leitura é algo bem mais profundo do que o simples contato com o escrito e nos permite estruturar, formular e expor nosso ponto de vista do mundo em que vivemos.

Para ampliar ainda mais nosso debate vemos também a leitura como o modo de ver o mundo de perceber o que está ao nosso redor, leitura de ambientes, de pessoas, de situações, dentre outras possibilidades. Haja vista que; no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e de produção de sentidos (ORLANDI, 2009, p.21).

Para estimular a leitura precisamos permitir que nosso aluno tenha contato com os mais diversos gêneros textuais existentes, bem como seja estimulado a leituras diversificadas.

De acordo com Freire (1994, p.11), a “leitura precede a palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Dessa forma a leitura da palavra não anula o conhecimento de mundo do nosso aluno, mas devem andar juntos e complementarem a construção do conhecimento do sujeito envolvido no processo.

A leitura é, portanto o contato do sujeito com o mundo. É por meio desse contato que interagimos que nos expressamos e mais que isso, que formamos nosso ser. Ou seja, ler é questionar. A partir do momento que lemos interagimos com o autor, ao mesmo tempo em que expressamos nosso olhar acerca do que está sendo lido. E fazemos contato interativo com o mundo. Para Brandão (1997, p. 22),

²Conceito de leitura - O que é, Definição e Significado <http://conceito.de/leitura#ixzz4hCRQINTN>

Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadão.

É na leitura que os sujeitos estreitam e constroem suas relações sociais, seja na escola, na família ou em qualquer espaço social em que esteja inserido. A leitura torna-se, portanto importante na vida do sujeito a partir do momento em que ele cria o hábito de ler e faz desse hábito algo prazeroso em sua vida, algo que lhe permite conhecer novas culturas, novos costumes e novas pessoas.

Contudo, o processo de leitura não é algo que se realiza somente na escola, mas, sobretudo na família, por isso é muito importante à participação familiar na construção da aprendizagem humana.

A produção textual é a expressão do que se apreendeu da leitura, é o resultado do entendimento e compreensão do que se estudou e/ou pesquisou. A produção textual requer leitura, análise, compreensão e organização das ideias.

É notório, portanto, que não se produz sem leitura. É preciso ter uma base bibliográfica boa para se produzir bons textos, é preciso conhecer bem os diversos gêneros textuais, bem como as diversas possibilidades de produção para levarmos adiante uma produção textual.

Faz-se necessário articular bem as ideias, conhecer os elementos que fazem parte da construção textual que são a coesão e coerência. Estes elementos facilitam e embelezam o texto, dando a ele sentido e beleza estética. De acordo com Guimarães (2009, p. 15) “Do texto bem-arquitetado com estruturas bem formalizadas e, por conseguinte, capazes de veicular sentidos, decorrem a coesão e a coerência – que são as dimensões constitutivas do texto.”

De acordo com Antunes (2005, p. 35) Escrever é uma atividade que retoma outros textos, isto é, que retoma a outros dizeres. Ou seja, escrever requer leituras prévias acerca do tema que se pretende escrever, é preciso ouvir outras vozes, conhecer outras opiniões para construir a nossa.

2.1 Metodologia

Para realização da nossa pesquisa fizemos um estudo bibliográfico, buscando compreender de forma detalhada como se dá o processo de leitura e produção textual, bem

como pesquisar acerca das diversas possibilidades de participação das pessoas com deficiência visual nesse processo.

Em nosso estudo percebemos que muitos autores se resumem a apenas explicar acerca da leitura de textos e a escrita normatizada nos padrões que conhecemos e temos acesso na escola. Assim fomos explorar por meio observatório, bem como a partir de entrevista com pessoas com deficiência visual as diversas possibilidades de produção que podem ser desenvolvidas para colaborar no processo de aprendizagem destas, buscando conhecer o processo escolar dos entrevistados, como também que recursos utilizavam para ler e produzir seus textos.

Não podemos omitir nesse processo as grandes possibilidades que temos com o uso das tecnologias assistivas. De acordo com Bersch & Tonolli

Tecnologia Assistiva - TA é um termo ainda novo, utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão. (BERSCH & TONOLLI, 2013)

Dessa forma elas irão contribuir com o trabalho do professor, visando proporcionar autonomia da pessoa com deficiência não só no ambiente escolar, mas na sua atuação social na vida.

Para desenvolver nosso trabalho além da pesquisa bibliográfica ouvimos algumas pessoas com deficiência visual, pois compreendemos ouvir as pessoas com DV é a melhor maneira de embasar nosso trabalho e compreendermos o processo de leitura e produção textual realizado pelos mesmos.

Os participantes da nossa pesquisa são pessoas com deficiência visual (cegueira e baixa visão), sendo quatro homens e uma mulher com idades entre 25 e 35 anos. Quanto a escolaridade dos mesmos, dois deles tem curso superior completo e três estão cursando graduação. Elaboramos dez perguntas (em anexo) para compreender como foi o processo escolar dos entrevistados. Identificaremos os entrevistados como A, B, C, D e E.

2.2 Resultados/Discussão

No primeiro tópico explanamos acerca do processo de leitura e produção textual nas suas mais diferentes nuances. Porém, o que queremos abordar nesse tópico é como as pessoas com Deficiência visual desenvolvem suas produções textuais e suas leituras.

Conhecemos a leitura de forma ampla apenas por textos escritos, mas seria possível a uma pessoa com DV ler textos escritos? Sim, é possível, mas como? Por meio de um Ledor, mas o que é um Ledor? Ledor é uma pessoa que lê para um DV, nesse ato duplo não necessariamente o ledor é leitor, ele pode realizar a leitura sem adentrar no sentido do texto, ou seja, pode desenvolver uma leitura técnica, utilizando técnicas de leitura para que o receptor – nesse caso a pessoa com DV – compreenda o que está sendo lido. Outra possibilidade de leitura de textos é por meio de leitores de tela. Mas o que é isso? Leitores de tela são softwares que são instalados nos computadores para realizar a leitura. Com ele a pessoa com DV ler textos, navega na internet, ou seja, explora o computador, fazendo uso das tecnologias.

A pessoa com deficiência visual também pode ler textos em Braille, bem como produzi-los nesse sistema. Pode também digitar no computador com o apoio do leitor de tela (NVDA, Jaws...), como também ter o apoio de um escriba. Ela pode ainda oralizar suas produções, gravar seus textos, ou seja, há uma diversidade de alternativas para a pessoa com DV realizar leitura e desenvolver seus textos. Como bem nos mostra o entrevistado “D” quando perguntado sobre Quais as ferramentas e/ou tecnologias ajudaram no seu processo de leitura e produção textual na escola e fora dela? Ele disse; “No ensino fundamental, basicamente foi a oralidade”; o entrevistado “A” disse que com ele esse processo era desenvolvido com a escrita, mesmo escrevendo fora das linhas, já o entrevistado “C” relata que, utiliza leitor de tela (jaws), scanners, celulares com leitor de tela, programas de scanear livros digitais etc. Assim, percebemos que cabe a nós professores vislumbrar essas possibilidades e permitir que nosso aluno avance, produza, participe, seja protagonista de seu saber. Temos ainda a possibilidade de leitura tátil, de materiais produzidos na escola e, até mesmo, produzidos por instituições especializadas.

As tecnologias aqui citadas contribuíram com o processo de leitura e produção textual das pessoas com deficiência visual, abrindo caminhos e possibilidades, com independência e autonomia. A tecnologia pode ser produzida pelo professor, ou também comprada, o que importa é a possibilidade que se abre ao nosso aluno, quando permitimos a ele o acesso à informação.

Para conhecer melhor como esse processo se dá, realizamos uma entrevista com algumas pessoas com deficiência visual e, na nossa primeira pergunta, buscamos compreender como foi o processo escolar dos entrevistados. Todos os entrevistados falaram da questão do preconceito, bem como o fato da falta de políticas públicas, bem como acessibilidade nas atividades desenvolvidas em sala de aula. Destacamos a fala do entrevistado “A”, quando nos

disse que, seu processo escolar “Foi perpassado por lutas, superações e aflições, como, por exemplo, o bullying”.

Constatamos em nossa pesquisa que o processo de leitura e produção textual das pessoas com deficiência visual entrevistadas, não foi fácil, porém possível mediante as diversas alternativas e possibilidades de desenvolvimento desse processo. Na fala do entrevistado “C” percebemos a importância do Braille em sua vida, pois, embora tenha iniciado seu processo de alfabetização tardio, ressalta o quanto é importante à escrita Braille para a pessoa cega. Ele nos diz que quando aprendeu o Braille lia bastantes livros e que suas produções no ensino fundamental eram praticamente por meio do sistema Braille. Vejamos que ele nos diz:

Quando aprendi o Braille, passei a ler bastante, pois no centro de apoio tinha diversos livros, com diversos assuntos: português, história, geografia, crônicas, atlas etc [...] No ensino fundamental e médio, quase sempre utilizava o braile para escrever e ler. Em casa, usava prancheta, punção e regletes, que são materiais necessários para produzir um texto em braile. No centro de apoio, a gente utilizava a máquina braile, que permitia uma maior rapidez na produção de texto. (Fala do entrevistado C, 2017).

Portanto, percebemos o quanto o Braille é importante na vida da pessoa com DV e o quanto pode ser colaborativo com o trabalho do professor em sala de aula. Hoje temos diversas tecnologias, mas esse fato não anula a importância da aprendizagem do sistema Braille.

Constatamos, também, por meio das falas dos entrevistados, que o Ledor é muito importante no processo de leitura, pois desenvolve uma leitura não mecanizada como acontece com os leitores de tela. Eles também utilizam leitores de tela em computadores e nos celulares. Em suma, podemos dizer que hoje existem muitas ferramentas tecnológicas que ajudam no processo de leitura e produção textual das pessoas com DV, mas nem sempre foi assim, por isso eles relatam as dificuldades enfrentadas na escola e na vida, bem como o olhar do outro sobre sua necessidade. Devemos, portanto, buscar evidenciar o potencial dessas pessoas e, enquanto educadores, desenvolver metodologias que ajudem no processo educacional das pessoas com DV e lhes proporcione autonomia na escola e na vida.

O que fica evidenciado em todas as falas é a questão da falta de adaptação nas atividades, à questão do despreparo das escolas, bem como as diversas ferramentas existentes que podem ajudar a pessoa com DV no processo de leitura e produção textual. Um ponto bem relevante é a questão de se trabalhar com a oralidade, como bem destaca o entrevistado “D” em sua fala. O entrevistado “D” também destaca o trabalho do ledor, mas diz que prefere usar

os leitores de tela, pois dão a ele mais autonomia, bem como privacidade. O que percebemos é que as ferramentas existem e devem ser exploradas ao máximo, estimulando assim, a produção textual, bem como a leitura das pessoas com deficiência visual.

A entrevistada “E” relata que quando começou a vida escolar ainda tinha visão, embora a mesma fosse muito pouca relata que sentia muita dificuldade e que foi muito difícil a sua inclusão nas atividades e diz que enfrentou muitos obstáculos, principalmente com relação ao convívio social com os colegas e somente no primeiro ano do ensino médio é que começou a desenvolver amizades.

Podemos concluir que as ferramentas citadas no corpo desse trabalho colaboram muito com a pessoa com DV, gerando autonomia e abrindo possibilidades. As dificuldades existem, mas se nós professores explorarmos as tecnologias existentes, certamente daremos mais oportunidades e geraremos mais autonomia para as pessoas com deficiência visual.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa buscou compreender o processo de leitura e produção textual das pessoas com Deficiência Visual, destacando as possibilidades e desafios desse processo. Para tanto, embasam-nos em alguns autores que discutem sobre a temática, e também realizamos entrevistas com pessoas com deficiência visual, buscando destacar nas vozes dos sujeitos as verdadeiras nuances desse processo e os desdobramentos do mesmo na vida dessas pessoas.

Assim, visamos colaborar com educadores, pais e sociedade, visando trabalhar a inclusão de maneira efetiva, respeitando os limites e possibilidades dos sujeitos na sua atuação social. Dessa forma ouvimos, dialogamos e destacamos nossa visão acerca da temática.

No diálogo com os autores e os sujeitos da pesquisa descobrimos ainda mais sobre o processo de leitura e produção textual das pessoas com DV enxergando as dificuldades, buscando minimizar as barreiras e respeitando o direito do outro. Ou seja, no diálogo aprendemos a explorar ainda mais as possibilidades das pessoas com DV.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BERSCH, R.; TONOLLI, J. **Tecnologia assistiva**. ____ in Introdução a tecnologia assistiva disponível em: http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf. Acesso 05/06/2017
- BRANDAO, H. **Aprender a ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 1997.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1994.
- GUEDES, P. C.; SOUZA, J. M. de. **Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português**. In: Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. 9 ed. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2011.
- GUIMARÃES, E.. **Texto discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009.
- INFANTE, U. **Texto: Leitura e escritas**. São Paulo: Scipione, 2000.
- LOPES, C. V. M.; DULAC, E. B. F. **Ideias e palavras na/da ciência ou leitura e escrita: o que a ciência tem a ver com isso?** In: NEVES, I. C. B. et.al. (Org). Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- NEVES, I. C. B.; SOUZA, J. V.; SCHÄFFER , N. O. et al. (orgs.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso – Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes (2000). REICHWALD. Guilherme Jr. Leitura e escrita na Geografia ontem e hoje. In: ____ Ler e escrever: um compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2009. p. 67-72
- SILVA, E. T. **Leitura em curso**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

VAL, M. das G. C. **O que é ser alfabetizado e letrado.** ____ In. **Práticas de leitura e escrita.** Brasília: Ministério da Educação, 2006.

APÊNDICES

ENTREVISTA

- 1 – Como foi sua vida escolar?
- 2 – Como foi o seu processo de alfabetização?
- 3 – Como você fazia leitura de textos?
- 4 – Como você produzia seus textos?
- 5 – Quais as ferramentas e/ou tecnologias ajudaram no seu processo de leitura e produção textual na escola e fora dela?
- 6 – Qual a sua opinião sobre a escrita Braille?
- 7 – O que você acha do Ledor?
- 8 – Você usa leitores de tela? O que você acha desses softwares?
- 9 – Você produz ou ler textos em Braille?
- 10 – Em sua opinião, o que você acha que deve mudar no processo de leitura e produção textual das pessoas com deficiência visual?